

7. São José o carpinteiro

Recordando a vida de trabalho de São José, o Papa considerou na audiência de hoje “todos os trabalhadores do mundo, especialmente naqueles que têm empregos desgastantes; que são explorados ou vítimas de acidentes no trabalho; nas crianças obrigadas a trabalhar... Penso igualmente nas pessoas que se encontram sem trabalho”.

12/01/2022

PAPA FRANCISCO

AUDIÊNCIA GERAL

Sala Paulo VI

Quarta-feira, 12 de janeiro de 2022

Catequese sobre São José 7. São José o carpinteiro

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Os evangelistas Mateus e Marcos, definem José como “carpinteiro” ou “marceneiro”. Escutamos anteriormente que o povo de Nazaré, ao ouvir Jesus falar, perguntava-se: “Não é este o filho do carpinteiro?” (13, 55; cf. *Mc* 6, 3). Jesus praticou o ofício do pai.

O termo grego *tekton*, utilizado para indicar o trabalho de José, foi traduzido de várias maneiras. Os Padres latinos da Igreja traduziram-no como “carpinteiro”. Mas tenhamos presente que na Palestina

do tempo de Jesus, a madeira era utilizada não só para fazer arados e móveis vários, mas também para construir casas, que tinham armações de madeira e telhados em terraços feitos de vigas ligadas entre si com ramos e terra.

Portanto, “carpinteiro” ou “marceneiro” era uma qualificação genérica, indicando tanto os artesãos da madeira como os trabalhadores que se ocupavam de atividades relacionadas com a construção. Um ofício bastante duro, tendo que trabalhar com materiais pesados como a madeira, a pedra e o ferro. Do ponto de vista econômico, não garantia grandes ganhos, como se pode deduzir do fato de Maria e José, quando apresentaram Jesus no Templo, terem oferecido apenas um casal de rolas ou de pombas (cf. *Lc* 2, 24), como a Lei prescrevia para os pobres (cf. *Lv* 12, 8).

Assim, o adolescente Jesus aprendeu esta profissão com o pai. Portanto, quando, adulto, começou a pregar, os seus concidadãos, surpreendidos, perguntavam-se: “De onde Lhe vem esta sabedoria e o poder de fazer milagres?” (*Mt* 13, 54), e escandalizavam-se com Ele (cf. v. 57), pois era o filho do carpinteiro, mas falava como um doutor da lei, e escandalizavam-se com isto.

Este dado biográfico sobre José e Jesus faz-me pensar em todos os trabalhadores do mundo, especialmente naqueles que trabalham arduamente em minas e em certas fábricas; naqueles que são explorados através do trabalho não declarado; nas vítimas do trabalho – vimos que ultimamente na Itália houve muitas – nas crianças que são obrigadas a trabalhar e naquelas que vasculham as lixeiras em busca de algo útil para negociar... Permito-me repetir o que disse: os trabalhadores

escondidos, os trabalhadores que fazem trabalho pesado nas minas e em certas fábricas: pensemos neles. Naqueles que são explorados pelo trabalho clandestino, naqueles que contrabandeiam salários, às escondidas, sem aposentadoria, sem nada. E se não trabalhas, tu, não tens segurança alguma. Há muito trabalho não declarado hoje em dia. Pensemos nas vítimas do trabalho, dos acidentes de trabalho; nas crianças que são obrigadas a trabalhar: isto é terrível! As crianças na idade de brincar devem brincar, mas em vez disso são forçadas a trabalhar como os adultos. Pensemos nas pobres crianças que vasculham as lixeiras à procura de algo que se possa vender. Todos estes são nossos irmãos e irmãs, que ganham a vida desta forma, com trabalhos que não reconhecem a sua dignidade! Pensemos nisto. E isto está acontecendo hoje, no mundo, isto está a acontecer hoje! Mas

também penso naqueles que estão desempregados: quantas pessoas vão bater às portas das fábricas, das empresas: “Mas, há alguma coisa a fazer?” – “Não, não há, não há...”. A falta de trabalho! E penso também naqueles que se sentem feridos na própria dignidade porque não conseguem encontrar um emprego. Voltam para casa: “Encontraste alguma coisa?” – “Não, nada... Passei na Cáritas e trouxe o pão”. O que dá dignidade não é levar o pão para casa. Podes recebê-lo na Cáritas: não, isto não dá dignidade. O que dá dignidade é ganhar o pão, e se não dermos ao nosso povo, aos nossos homens e mulheres, a capacidade de ganhar o pão, é uma injustiça social naquele lugar, naquela nação, naquele continente. Os governantes devem dar a todos a possibilidade de ganhar o pão, porque este ganho lhes dá dignidade. O trabalho é uma união de dignidade, e isto é importante. Muitos jovens, muitos

pais e mães vivem o drama de não ter um emprego que lhes permita viver serenamente, vivem um dia de cada vez. E muitas vezes a procura de uma ocupação torna-se tão dramática que são levados ao ponto de perderem toda a esperança e desejo de viver. Nestes tempos de pandemia, muitas pessoas perderam os empregos – sabemos isto – e algumas, esmagadas por um fardo insuportável, chegaram ao ponto de cometer suicídio. Gostaria hoje de lembrar cada um deles e as suas famílias. Façamos um momento de silêncio para recordar aqueles homens e mulheres desesperados porque não conseguem encontrar trabalho.

Não se tem suficientemente em conta o fato de o trabalho ser uma componente essencial da vida humana, e também do caminho da santificação. O trabalho não é apenas um meio de ganhar a vida: é também

um lugar onde nos expressamos, nos sentimos úteis e aprendemos a grande lição da realidade, o que ajuda a vida espiritual a não se tornar espiritualismo. Infelizmente, porém, o trabalho com frequência é refém da injustiça social e, em vez de ser um meio de humanização, torna-se uma periferia existencial. Muitas vezes pergunto-me: com que espírito fazemos o nosso trabalho diário? Como lidamos com a fadiga? Vemos a nossa atividade ligada apenas ao nosso destino ou também ao destino dos outros? Com efeito, o trabalho é um modo de expressar a nossa personalidade, que é relacional por natureza. O trabalho é inclusive um modo para exprimir a nossa criatividade: cada um desempenha o trabalho à sua maneira, com o próprio estilo; o mesmo trabalho, mas com estilo diverso.

É bom pensar que o próprio Jesus trabalhou e aprendeu esta arte com

São José. Hoje devemos perguntar-nos o que podemos fazer para recuperar o valor do trabalho; e que contribuição podemos, como Igreja, oferecer para que ele possa ser resgatado da lógica do mero lucro e possa ser experimentado como direito e dever fundamental da pessoa, que exprime e incrementa a sua dignidade.

Estimados irmãos e irmãs, por tudo isto gostaria hoje de recitar convosco a oração que São Paulo VI elevou a São José a 1 de maio de 1969:

Ó São José,

Padroeiro da Igreja

vós que, ao lado do Verbo encarnado

trabalhastes todos os dias para
ganhar o pão

tirando d'Ele a força para viver e
labutar;

vós que experimentastes a ansiedade
do amanhã,
a amargura da pobreza, a
precariedade do trabalho:
vós que irradiais hoje, o exemplo da
vossa figura,
humilde perante os homens
mas grandíssima diante de Deus,
protegei os trabalhadores na sua
dura existência cotidiana,
defendendo-os do desânimo
da revolta negadora,
bem como das tentações do
hedonismo;
e preservai a paz no mundo,
aquela paz que, por si só, pode
garantir o desenvolvimento dos
povos. Amém.

.....

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
opusdei.org/pt-br/article/sao-jose-o-
carpinteiro/](https://opusdei.org/pt-br/article/sao-jose-o-carpinteiro/) (27/03/2025)